

Nostalgia plataformizada na era do mal-estar digital¹

Manuella Caputo Barreto²
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Resumo

Enquanto conceito, a nostalgia como “saúde do passado” desenvolve-se no início do século XX. É neste período que o fenômeno ganha força como reação às transformações provocadas pela Segunda Revolução Industrial e pela aceleração capitalista. Um século após, a nostalgia ganha novos contornos ao ser acionada pelos indivíduos para responder a novos desafios: a hiperconexão digital e a aceleração capitalista neoliberal. Neste artigo, buscamos refletir sobre como a nostalgia se traduz nas plataformas digitais e, simultaneamente, é experienciada para remediar os efeitos do mal-estar digital contemporâneo.

Palavra-chave: plataformas digitais; nostalgia; neoliberalismo; aceleração; Internet.

1. Introdução

Na década de 1960, o filósofo Marshall McLuhan antecipou a constituição da “aldeia global” (1964, p. 80): um novo mundo propiciado pelos meios de comunicação eletrônicos onde indivíduos de todas as regiões do planeta conseguiriam interagir de forma instantânea e homogênea. Não há dúvidas de que a conexão imediata e geograficamente distribuída viria a se tornar realidade a partir da Internet que, na década de 1950, começava a ser desenvolvida.³ No entanto, o cenário descrito pelo filósofo estaria muito mais alinhado com o cotidiano das décadas por vir, após a criação da Web, em 1989.⁴ Conectando computadores mundialmente, a Internet passaria a operar como a estrada digital para a circulação dos conteúdos criados e compartilhados na Web.⁵

Diante da possibilidade de comunicação instantânea com diferentes cidadãos do mundo inteiro, o início da Web foi marcado pelo anseio de construção de laços sociais, antes limitados pela distância espacial, bem como pela expectativa de elevação das

¹ Trabalho apresentado no GP Tecnologias e Culturas Digitais, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação e Cultura na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ e pesquisadora no MediaLab.UFRJ. E-mail: manuellacaputo432@gmail.com

³ Disponível em: <<https://www.scienceandmuseum.org.uk/objects-and-stories/short-history-internet:>>. Acesso em: 15 jun. 2025.

⁴ Disponível em: <<https://home.cern/science/computing/birth-web>>. Acesso em: 15 jun. 2025.

⁵ Disponível em: <<https://www.computerhistory.org/revolution/networking/19/314#:~:text=The%20Internet%2C%20linking%20your%20computer,on%20in%20your%20computer's%20browser.>>. Acesso em: 15 jun. 2025.

democracias, que agora poderiam contar com uma participação social potencialmente instantânea e sem obstáculos físicos. Não à toa, a versão 2.0 da Web que se moldava no início dos anos 2000 ficou conhecida como a “web social” ou “web participativa”.

Enquanto já se conjectura uma *Web 3.0*, a centralidade concedida pela versão atual às plataformas e aos dados (O'REILLY, 2005) nos tornou usuários dessas plataformas e matéria-prima dessas mesmas estruturas para a geração de dados, ponto nevrálgico do modelo de negócios das empresas que operam essas plataformas (ZUBOFF, 2018). Por esse desdobramento, o otimismo que acompanhava as discussões sobre a Internet nos anos 2000 foi perdendo espaço para a desilusão e o pessimismo diante das experiências nas plataformas digitais, que colonizaram as discussões sobre a Internet (MOROZOV, 2018).

Uma série de casos passaram, de maneira exponencial, a evidenciar para os usuários os efeitos nefastos que as plataformas digitais podem ter sobre nossas vidas *on* e *offline*, como a violação dos dados de milhões de usuários do Facebook, acordada pela *big tech* junto a empresa de marketing político Cambridge Analytica.⁶

Não é mera coincidência que, nesse mesmo período, a expressão *fake news* foi ganhando espaço nas redes sociais digitais, na imprensa e nos discursos de governantes e candidaturas políticas⁷ – é nas plataformas digitais que a desinformação se potencializa. Como apontam Santos e Vaz (2023, p. 25): “as tecnologias digitais facilitam a propagação das fake news pela relativa facilidade em imitar, nesses ambientes, o estilo textual usado por portais jornalísticos convencionais e assim enganar a audiência”.

Qual a razão para tanto investimento em propaganda política, em disseminação de notícias falsas nas plataformas digitais? O motivo é óbvio para a maioria de nós: porque passamos parte relevante de nossos dias conectados a esses meios. Os dispositivos digitais seguiram em atualização contínua para estarem juntos de nosso corpo a todos os momentos – é o que enxergamos com os tablets, smartphones e wearables. O desenvolvimento de hardware e software se retroalimentam e as plataformas digitais acompanham o avanço com seus aplicativos de mensagem

⁶ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43461751>>. Acesso em: 15 jun. 2025.

⁷ Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/blogs-trending-42724320>>. Acesso em 15 jun. 2025.

instantânea e de redes sociais. Ficarmos ininterruptamente online e disponíveis é o que garante o lucro das empresas de tecnologia - assim, vivemos uma economia da atenção (BENTES, 2019):

Pois, quanto mais tempo passam enganchados e engajados, maior será a produção, coleta e armazenamento de dados e, assim, maior será a acuidade preditiva dos mecanismos algorítmicos, o que, por sua vez, aumentará o valor das receitas do serviço. Nesse sentido, na economia digital, o valor dos dados está intrinsecamente ligado ao valor da atenção. (BENTES, 2019, p. 222)

Esse é um ponto-chave para entender outro fenômeno decorrente da hiperconexão: o mal-estar digital. Somando-se ao desapontamento quanto aos rumos que o protagonismo das plataformas digitais tomou referente ao campo político, cresce o desconforto com a hiperconexão, o imperativo de se estar disponível a todo momento e com a sobrecarga de estímulos que resulta de toda essa interação com o que se apresenta nas telas. Penetrando das áreas públicas a privadas da vida, a lógica dessas plataformas não surge de forma independente, mas favorecida por e favorecendo a operação do capitalismo neoliberal, como aprofundaremos a seguir.

2. A frustração das possibilidades infinitas

Esta é a tônica da pós-modernidade neoliberal: com as instituições tradicionais em crise, desacredita-se em sua capacidade de melhorar a qualidade de vida da população; e, para ocupar esse vazio de perspectiva, o sujeito é condicionado a traçar e concretizar seus objetivos de maneira cada vez mais individualista, frente à difusão da ideia de que é empreendendo no livre mercado que o cidadão irá se tornar bem-sucedido - não ficará para trás. As plataformas digitais, por sua vez, apresentam-se como o ambiente ideal para guiar essa jornada, conferindo ao sujeito empreendedor acesso a informações e possibilidades infinitas de como empreender, ser produtivo, desenvolver habilidades e se aprimorar pessoalmente.

Essa conjuntura culmina na formação do sujeito neoliberal, como descrito pelo filósofo Byung-Chul Han (2014). Esse indivíduo é empreendedor de si mesmo, portanto, o único responsável por seu sucesso ou fracasso; como se fosse um dispositivo ou aplicativo digital, vive em busca de atualização e aprimoramento constantes. Como sintetiza Han (2014, p. 14): “Hoje, cada um é um *trabalhador que explora a si mesmo para a sua própria empresa*”. E o esforço não é apenas por excelência na carreira ou no

trabalho, mas em todas as áreas da vida: desempenho físico, relações interpessoais, aparência, hobbies. Para conquistarmos a felicidade, somos incentivados a aproveitar e a *consumir* o maior número de oportunidades possíveis, diante de um “possível” que é expandido exaustivamente - esse é o imperativo neoliberal.

Jorge e Sibilía (2022, p. 26) observam que “essa dificuldade que implica se autogovernar numa cultura que preza pelo prazer ilimitado” está intrinsecamente ligada ao mal-estar contemporâneo. Nessa corrida pelo prazer, a cada trecho nos é oferecido mais um serviço ou produto para otimizar nosso tempo e impulsionar nossa produtividade: seja um *smartwatch* para monitorar a qualidade do sono durante a noite; um aplicativo para contar quantos passos damos diariamente; ou uma Inteligência Artificial generativa para auxiliar no trabalho. Apesar dessas tentativas de metrificar a vida, analisar os dados e lidar com resultados como se fossemos nós mesmos um produto, o corpo humano não acompanha essa realidade. O desequilíbrio extremo que surge entre o que se pode fazer e o que se consegue realizar provoca então a decepção e a frustração de não se cumprir as expectativas. Somos sitiados pelo “vício de tudo querer e o descontrole de quase nada poder” (JORGE e SIBILIA, 2022, p. 25).

3. Do espaço ao tempo: nostalgia como retorno

3.1 De onde vem a nostalgia?

O conceito de nostalgia surgiu, primeiro, atrelado ao espaço. Há um consenso entre os pesquisadores da área que a história da nostalgia começou com a criação do termo, em 1688, pelo médico suíço Johannes Hofer na dissertação *Nostalgia Oder Heimwehe* (*Nostalgia ou Saudade de Casa*, tradução nossa), diagnosticando a nostalgia como o anseio patológico pela terra natal (BECKER, 2025, p. 42).

A noção de “nostalgia” como um sentimento, estado ou emoção proveniente de rememorar situações do passado não se popularizou pelo menos até a segunda metade do século XX, por volta da década de 1960 (BECKER, 2025, p. 45). Nesse período, o conceito de nostalgia se difundiu como uma reação à modernidade pautada pela ideia de progresso:

A ideia de progresso, a crença de que as coisas vão melhorar com o passar do tempo, que o passado precisa ser superado, destruído até, no caminho para o

futuro, é a expressão máxima da compreensão moderna do tempo, segundo a qual o tempo é dinâmico, linear, homogêneo e universal. (BECKER, 2025, p. 47, tradução nossa)⁸

Se, por um lado, a mentalidade moderna valorizava o progresso, a tecnologia e a velocidade; do outro, a nostalgia crescia como uma forma de rejeição a esses princípios. Como explica Boym (2001, p. 16), o “ritmo rápido da industrialização e da modernização aumentou a intensidade do anseio das pessoas pelos ritmos mais lentos do passado, pela continuidade, coesão social e tradição”.⁹

3.2 Percursos da nostalgia na contemporaneidade

O avanço exponencial das tecnologias digitais no início do século XXI desempenha um papel essencial na imposição do tempo 24/7 (CRARY, 2016) à sociedade de consumidores. Esse fenômeno diferencia o descontentamento experimentado pelo indivíduo moderno frente aos desdobramentos da industrialização do mal-estar comum ao indivíduo contemporâneo. O que a virada do século XX para o XXI evidencia é a intensificação da aceleração da vida como consequência da transição do capitalismo para sua terceira fase: o capitalismo tardio (JAMESON, 1997).

Simultaneamente, a nostalgia que acompanha a sociedade também assume novas formas. Mark Fisher (2014) aborda o tema compreendendo que o estágio mais recente do capitalismo, neoliberal e pós-industrial, levou a uma “cultura de retrospecção e pastiche” (FISHER, 2014, p. 32), não apenas por seus efeitos psicológicos e emocionais, mas também pelo impacto financeiro na própria indústria cultural.

Publicada há mais de dez anos, a análise de Fisher se mantém altamente relevante nos dias atuais. Em 2024, nenhuma das 15 maiores bilheteria do cinema mundial partiu de uma história original: todos os filmes que compõem a lista são continuações, histórias adaptadas ou integram uma franquia.¹⁰ Provocando o esvaziamento de políticas públicas na área da cultura e isenta de compromisso com o

⁸ No original: “The idea of progress, the belief that the things will be getting better as time progresses, that the past needs to be overcome, destroyed even, on the way to the future, is the ultimate expression of the modern understanding of time, according to which time is dynamic, linear, homogenous and universal”.

⁹ No original: “The rapid pace of industrialization and modernization increased the intensity of people's longing for the slower rhythms of the past, for continuity, social cohesion and tradition”.

¹⁰ Disponível em:

[5](https://www.businessinsider.com/2024-box-office-numbers-sequels-franchises-dominate-2024-2025-1#:~:text=Franchises%20and%20sequels%20dominated%20the,to%20be%20lucrative%20for%20studios.>.”. Acesso em: 16 jun. 2025.</p></div><div data-bbox=)

desenvolvimento de culturas locais, regionais ou nacionais, a indústria cultural neoliberal busca maximizar seus lucros explorando as mesmas fórmulas para o sucesso até a exaustão.

A aceleração proveniente da lógica neoliberal e da dominação do nosso cotidiano pelas plataformas digitais não só instiga a nostalgia como incide diretamente sobre a forma que ela será vivenciada. Já estabelecemos que a nostalgia, desde o seu assentamento na modernidade, é reaproveitada pelo capitalismo como commodity. Porém, na era da plataformização (HELMOND, 2019), essa conversão pode ser feita por qualquer um com acesso à Internet e a qualquer momento, seja publicando fotos antigas de família, compartilhando uma história pessoal ou com uma publicação sobre um programa de TV que marcou a sua infância.

4. Nostalgia em aceleração nas vias digitais

Com interesse nas formas que a nostalgia assume nas plataformas digitais, nos encaminhamos para o fim do artigo com a análise de três casos emblemáticos do compartilhamento de conteúdo nostálgico sobre a primeira década dos anos 2000 (2000-2009). Esse foi o recorte temporal escolhido pois nos permite testar algumas hipóteses acerca da relação entre nostalgia e plataformas. Para essa experimentação, foram selecionadas, de modo exploratório, duas publicações no Instagram e uma no TikTok - duas das redes sociais mais utilizadas no Brasil -,¹¹ que trazem à tona produtos, costumes e ideias do início dos anos 2000.

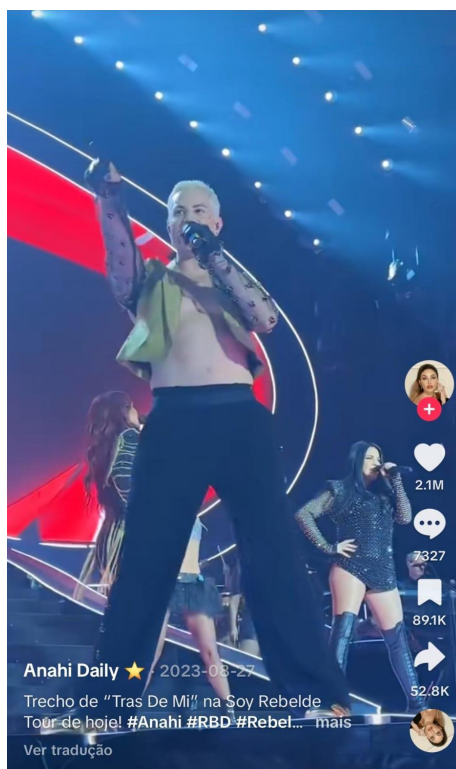
4.1 Nostalgia plataformizada: janela de oportunidades para a indústria cultural

Um vídeo publicado em agosto de 2023 no TikTok traz o registro de um show do grupo mexicano RBD, fenômeno entre o público jovem que esteve em atividade de 2004 a 2009. Em 2020, durante a pandemia de Covid-19, quatro dos seis integrantes do grupo se reuniram para um concerto transmitido online. Em 2023, mais um integrante original se juntou ao quarteto e o grupo realizou sua primeira turnê desde 2008. O caso evidencia mais um exemplo de artistas que, aproveitando-se da nostalgia sobre o começo do segundo milênio que permeia o cotidiano das pessoas - agora adultas - que

¹¹ Disponível em: <<https://www.mlabs.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas>>. Acesso em: 16 jun. 2025.

experienciaram essa época mais jovens, retornam à atividade trabalhando a partir da mesma performance que os tornaram famosos há 20 anos. Com 2,1 milhões de visualizações na rede social, o registro mostra o potencial para captar a atenção que esses artistas ainda possuem.

Figura 1: Vídeo publicado pelo perfil Anahi Daily no TikTok



Fonte: elaborado pela autora, 2025

4.2 Podemos falar de uma nostalgia da Internet, na Internet?

Outro tipo de publicação que tem se tornado popular entre essa mesma geração são as que rememoram os dispositivos, costumes, sites e programas relacionados à experiência de conexão digital da primeira década dos anos 2000. Em uma imagem publicada em dezembro de 2024, uma usuária do Instagram sugere “Você ligou o computador nos anos 2000...” e parte para a citação de uma série de elementos típicos do cenário criado: MSN, Windows XP, Yahoo Respostas.¹² Como vimos anteriormente, a nostalgia é um sentimento complexo - difícil até mesmo de ser definido desta forma.

¹² Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/DDpXfoHxBVu/>>. Acesso em: 17 jun. 2025.

Portanto, é justo expor aqui algumas questões que surgem acerca desse caso: a nostalgia é desses dispositivos, que compunham a experiência online da época? Ou se simboliza, por meio desses objetos, uma nostalgia relacionada aos tempos de infância e adolescência? Essas duas possibilidades podem ser dissociadas?

De todo modo, é importante notar a ascensão dessa nostalgia das tecnologias digitais mais simples, enquanto os debates sobre os efeitos negativos das tecnologias atuais ganham espaço nos campos social, médico e regulatório.

Figura 2: Ilustração publicada pela artista Elaine Pereira no Instagram



Fonte: elaborado pela autora, 2025

4.3 Nostalgia de um futuro perdido

Hoje adulta, a geração “dos anos 2000” também compartilha nas redes sociais a transformação de pensamento que sofreu nessa passagem do tempo. Em um vídeo publicado em outubro de 2024, que soma mais de 2 milhões de visualizações, a criadora de conteúdo simula o que seria a vida profissional sonhada pelas meninas nos anos 2000.¹³ Inspirada pela história do filme *De repente 30* (Gary Winick, 2004), a criadora de conteúdo encena no que consistiria essa rotina profissional: trabalhar em uma revista de moda, com liberdade para exercer a criatividade e acesso a marcas de roupas e

¹³ Disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/DBOwekuO1Hr/>>. Acesso em: 17 jun. 2025.

acessórios; conferir o resultado desse trabalho - e as publicações da concorrência - na banca de jornal; sair com as amigas; e a única dificuldade do dia seria conseguir pegar um táxi.

Aqui, vemos novamente a centralidade dos produtos culturais para a constituição da nostalgia nas plataformas digitais. O que chama atenção, nesse caso, é de como o enredo do filme em questão - e muitos outros da mesma linha que foram lançados na época - pode ter contribuído para a expectativa de um futuro que não viria a se concretizar. A história é especialmente simbólica pela relevância da mídia impressa na narrativa - um cenário que não poderia estar mais distante da contemporaneidade.

Figura 3: Vídeo publicado pela criadora de conteúdo digital Geo no Instagram



Fonte: elaborado pela autora, 2025

5. Considerações finais

Enquanto conceito difundido na modernidade (BECKER, 2025), a nostalgia que se experimenta na contemporaneidade não é inédita - nem como rememoração do passado ou reação ao tempo de crise. No entanto, a observação desse fenômeno na atualidade abre caminhos para se compreender as estratégias de adaptação ou rejeição à aceleração da vida, à imposição do tempo 24/7 (CRARY, 2016) e à demanda de atenção

submetida pelas plataformas digitais. Simultaneamente, porém, a nostalgia surge como um contraponto à aceleração e mais uma estratégia de comodificação da memória.

Referências

BECKER, Tobias. History and Nostalgia. In: **The Routledge Handbook of Nostalgia**. BECKER, Tobias; TRIGG, Dylan (org.). New York: Routledge, 2025. p. 42-53.

BENTES, Anna. A gestão algorítmica da atenção: enganchar, conhecer e persuadir . In: **Políticas, Internet e Sociedade**. POLIDO, Fabrício; ANJOS, Lucas; BRANDÃO, Luiza (org.). Belo Horizonte: Instituto de Referência em Internet e Sociedade, 2019. p. 222-234. Disponível em: <http://bit.ly/35hiqms>. Acesso em: 15 mar. 2025.

BOYM, Svetlana. **The Future of Nostalgia**. New York: Basic Books, 2016.

CRARY, Jonathan. **24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

FISHER, Mark. **Fantasmas da minha vida**. São Paulo: Autonomia Literária, 2023.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte: Editora Ayiné, 2018.

HELMOND, Anne. A platformização da Web. Tradução: Tiago Salgado. In: **Métodos Digitais: teoria-prática-crítica**. OMENA, Janna J. (ed.). Lisboa: ICNOVA, 2019. p. 49-72.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. Tradução de Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 1997.

JORGE, Marianna Ferreira; SIBILIA, Paula. “O mal-estar da conexão espasmódica: da obediência à dependência?”. **Comunicação & Sociedade** (online), v. 44, n. 3, set-dez 2022; p. 5-35.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1969.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech: A ascensão dos dados e a morte da política**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

O'REILLY, Tim. **What Is Web 2.0**. 2005. Disponível em: <https://www.oreilly.com/pub/a/web2/archive/what-is-web-20.html>. Acesso em: 15 jun. 2025.

SANTOS, Amanda; VAZ, Paulo. Sobre fake news e teorias da conspiração: Populismo conservador e desinformação na cultura contemporânea. **Revista Culturas Midiáticas**, João Pessoa, v. 18, pp: 22-42. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2763-9398.2023v18n.63846>.

ZUBOFF, Shoshana. Big Other: Capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação. In: **Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem**. BRUNO, Fernanda; CARDOSO, Bruno; KANASHIRO, Marta; GUILHON, Luciana; MELGAÇO, Lucas (org.). São Paulo: Boitempo, 2018. p. 17-68.